

O ABOLICIONISTA.

LIBERTAS QUÆ SERA TAMEN!

CEARA.

AMAZONAS.

BARRAS!

AMARRAÇÃO!

JAIÓS!

Publica-se 1 vez por semana. Assignaturas 25000 reis por trimestre para a capital e 35000 por semestre para o interior—Pgamento adiantado. Toda correspondência deve ser dirigida a typ. do «TELEPHONE»—Rua BELLA.

O ABOLICIONISTA.

Theresina 24 de Outubro de 1884

Libertadores de Jaiós e Barras, nós vos saudamos!

Rompendo com as tradições, sacrificando vossos pequenos interesses de momento á futura prosperidade da vossa provincia, iniciando, enfim, nos vossos municipios a obra grandiosa e santa da sua libertação, vós conquistastes a estima, o respeito e a admiração de todos os brasileiros patriotas.

Ainda mais: destes aos vossos conterraneos um bellissimo exemplo de abnegação e civismo, que, esperamos, será dentro em pouco fervorosamente imitado por todos os piauihyenses. O bem, como o mal, tem o seu contagio; e no dia em que annunciardes ao mundo que os vossos municipios se acham completamente expurgados de escravos, nesse dia ficará definitivamente resolvida a libertação da nossa provincia.

Muito tendes feito em prol dos miseros captivos. Vós, Barrenses, em menos de quatro mezes, tendes restituído á sociedade perto d'uma centena de escravizados. Vós, Jaióenses, apenas creastes a vossa benemerita sociedade libertadora; redimistes, n'uma explosão de en-

thusiasmo, a heroica sede do vosso municipio. Mas, desgraçadamente, não fizestes tudo; e si tendes enxugado as lagrimas de muitos infelizes, em compensação, milhares de outros supportam ainda ao vosso lado a abjeção e as amarguras do captiveiro.

Urge levar ao fim a vossa gloriosa tarefa. Urge provar aos piauihyenses que só delles depende a extincção dessa lepra, que cobre de vergonha e de miseria o nosso caro torrão! Urge reparar, pela nossa generosidade e patriotismo, os erros e as injustiças dos nossos antepassados! Por ser tolerada pelas nossas leis, a escravidão não deixa de ser um crime perante os homems e perante Deus!

Avante, pois. Trabalhai, redobrai de esforços, e será certa a victoria. Os louros colhidos, longe de vos convidarem ao repouso, devem ser um poderoso estímulo a que vos empenheis com mais ardor na luta, afim de alcançardes, em tempo mais ou menos proximo, um ultimo e decisivo triumpho.

Fechai os ouvidos ás murmurações do presente e fital resolutamente o futuro.

E' possível que um ou outro espirito transviado veja na vossa pacifica e humanitaria propaganda uma perturbação á ordem publica; é possível que um ou outro cora-

ção endurecido pelo egoísmo descubra no vosso generoso procedimento uma ameaça á propriedade; é possível, finalmente, que um ou outro adversario injusto conteste a elevação das vossas vistas á a pureza das vossas intenções. Mas todas estas reflectancias, filhas aliás da cegueira, que leva tantos brasileiros a ver uma fonte de riqueza n'aquelle que constitue a principal causa do nosso atrazo, serão á final vencidas pelo desinteresse, convicção e energia, com que advogardes a nossa causa sacrosanta.

E quando o Piauihy, após o resgate do seu ultimo escravo, reivindicar para si, como o Ceará e o Amazonas, a gloriosa denominação de provincia livre, quando o paiz inteiro, n'um irresistivel estremo cimento de jubilo, levantar-se como um só homem para applaudir e se nobilissimo feito, então, benemeritos filhas de Jaiós e Barras, soará para vós a hora da justiça e da recompensa: sereis aclamados como os heroes dessa pacifica revolução, e sobre vossas cabeças descerão as bênçãos da patria agradecida!

LIBERTEMOS-NOS.

A gloria de ter iniciado a propaganda abolicionista pode pertencer a este ou aquelle partido, á esta ou aquella individualidade; mas a gloria da sustentação e pro-

pagação da idea no ultimo decennio, não se pode negar, pertence á todos os partidos, á uma grande maioria de espiritos selectos, que encarão a solução da crise escravagista como um negocio urgente, serio, indeclinavel, para a qual não há procrastinação razoavel, justa. Quando uma idea consegue captar a adhesão franca e solemne da opinião e impõe-se pela sua magnitude, pela sua imponente magestade, não é mais possível pôr-lhe diques, extinguir-lhe o desenvolvimento.

O erro funesto que tantas consequências tristissimas tem originado, dos que entendem reter e matar uma idea pela força bruta, deve ser esclarecido pelos exemplos eloquentes que a historia fornece.

As revoluções que, por mais de uma vez, tem ensanguentado os estados, nascerão da supposição que a coacção pode extinguir um principio, a força matar o direito.

Em todos os tempos os espiritos atrazados e fracos entenderão que podião apagar os incendios revolucionarios da mesma maneira por que Guilver apagava as fogueiras filipitianas. A desillusão, porem, tem sido dolorosa. Quando pensão que a idea perseguida morre, ella ergue-se ovante, robustecida e valida, amadurecida e alentada pelos ensinamentos da desgraça, uma fertil e proveitosa escola.

FOLHETIM DO "ABOLICIONISTA"

TRES BOTÕES DE ROSA.

(ROMANCETO)

Por J. F.

(A' Clóvaldo Freitas e Joaquim N. Parangará.)

Saindo o velho, continuamos no nosso exame de retratos. O Luiz mostrava-me um á um todos aquelles quatro fazendo n'na rápida noticia de cada um, reveitando os seus titulos, honrarias, posição que occuparam na sociedade e a época em que haviam fallecido. As meninas que nos acompanhavam tambem disiam algumas palavras sobre o assumpto que nos p occupava.

Uma chamava-se Celine e tinha os cabellos negros e os olhos grandes e vivaces, era a mais velha. Seu ar sympathico, gentil e reflectido dava-lhe um tom afilhente das soberanas donzellas de sangue azul, ou de pura nobreza provinciana. Contava apenas as suas 18 primaveras e já tinha o espirito lucidamente engrandecido pelos perfumes de uma instrução variada, á par de uma educação severa e rigorosa.

A outra era um anjo de primores. Encantava a sua voz meliflua, cujas notas eram doces, doces como o respirar das flores, ou como as gotas do orvalho da manhã nas petalas do jasmim. Eu admirava a alvura diaphana de sua cutis e detinha a minha vista encantada n'uns grandes olhos castanhos, vadios como as creancinhas travessas, ou como os colibris que voltam n'um jardim de multi-flores.

... Ambas trajavam de branco com enfeites azues, tinham os cabellos soltos sobre os espaldas, com um não sei que de chic, de encantador, de atrahente...

Mas eram dois temperamentos diversos n'uma só alma de creança. Uma reflectida e seria, a outra travessa, risonha e alegre como as borboletas da praia. Eu admirei-as n'um momento e sympathisei-as com presenca identica.

Não te admiras, meu amigo, a sympathia é uma manifestação espontanea de nossa alma, que brota n'um instante sentimentos bons em nosso coração.

Completava n'este dia os seus 13 annos a interessante Albertina, cujo nome é tão delicado e bonito como a sua propria senhora. Era, pois, por sua causa que teriamos de admirar a uma parte da sociedade escolhida do Recife que pouco faltava para prostrarse electrizada perante a luz inebriante dos seus olhos seductores.

Ella estava confinada em extremo. Via-se no seu semblante a expressão da ansiedade pela realisação de uma promessa.

Quando o relógio terminou as ultimas pancadas das oito horas um prito agudo de vapor que para-couvo-se em todo o bairro: era o comboio que chegava.

N'elle daviam vir todos os convivas da festa, com suas taillets n'ultima moda e suas luvras frescas de Alcaréz ou Juvin.

Não nos haviamos enganado: de repente o vasto salão estava transformado em um lindo ramalhete, cujas flores disputam a primazia.

Iá, pois, começar o grande baile com toda a singeleza e animação das festas campestres.

O Luiz, depois de haver dado o signal da primeira walsa, que era sempre por onde começavam as soirées de sua casa, aproximou-se de mim e mi' rogou-me:

— Já tirou o seu par para esta walsa?

— Ainda não, mas...

— Espere, eu vou dar-lhe um par, que lhe fará esquecer de todas estas meninas, que aqui vê, e assim não deixará de dançar uma só vez. É uma das minhas irmãs, a Albertina. Agrada-lhe?

— Oh! Eu ia mesmo pedir-lhe que me dispensasse essa honra.

— Foi bem, queira ter a bondade de acompanhar-me até onde ella estiver para consultal-a si já está ou não comprometida com alguém para dançar a walsa.

E dando-me o braço seguimos ao encontro desta menina que se aproximava.

— Com quem vaes walsar Albertina?

— Porque, Luizinho? Tu queres que eu seja teu par? Articulou ella com um timbre de voz ameno e galante.

— Não. É para dançares com o meu amigo dr. Afredo. Sim?

— Ah! Exclamou com encanto indifinivel.

— Com muito praser.

Fiquei como que electrizado n'aquelle enlevo de sus vos e mal pude difficilmente responder-lhe:

— Muito grato ser-lhe-ei minha senhora, pela attenção que tão delicadamente me dispensa-me...

O Luiz interrompendo-me disse a irmã:

— Dá o braço ao teu par que vou fazer novo signal para a musica principiar a tocar.

E desapareceu por entre os pares que passejavam pelo salão á espera dos primeiros harpejos da orchestra.

Dahi a nada vagavamos em corropio, impellidos pelos compassos apressados da walsa allemã.

(Continúa)

Aqueles que sonhão com a repressão possível do abolicionismo laborão em lamentavel illusão. Agora é tarde. Quer queirão, quer não queirão, a ideia propala-se lastreado-se triumphante pela face do paiz, levando de vencida os derradeiros reductos, onde vae homisiar-se espavorida a instituição maldita, que é a vergonha suprema deste imperio.

Convença-se os escravagistas desta verdade ineluctavel. Não se deixem levar pelos seus preconceitos, pelas falsas esperanças em futuras victorias: é tarde agora para a repressão da grande ideia.

Não queirão, instigados pelo demónio do interesse, pelo medo de um pequeno e passageiro prejuizo, atirar o paiz em veredas desconhecidas, negando á santa aspiração nacional, as suas mais do que muito justas exigencias. Cedão um pouco e não-se comosco na direcção da crise que quotidianamente torna-se mais seria, exigindo imperiosamente uma solução digna do pensamento humanitario que a inspira e domina. Para que procurão dificultar as cousas, balalhando-as, dando-lhes uma feição singular, chamando-as para um terreno erizado de melindres de toda especie? O amor desta terra, desta vossa grande patria americana, requer e põe em dura prova o vosso patriotismo, senhores escravagistas. Si entendéis que nem os reclamos de honra da vossa patria, nem os reclamos da humanidade ultrajada, nem os reclamos da opinião vos merecem nada e que deveis e podeis antepor-lhes os reclamos dos vossos parcos interesses pecuniarios, então vos collocais de parte, eliminando-vos do rol dos homens da actualidade para alistar-vos no dos homens do passado que a civilização moderna atirou seculos atrás.

No momento doloroso que atravessamos tudo que cerca o nosso ambiente exige moderação, prudencia e patriotismo. A magna questão, para cuja solução pacifica trabalhamos com fervor e coragem, é seria de mais para dispensar a menor calma. Não brinquemos com os acontecimentos que nos ameaçam de todos os lados; acontecimentos preñhes de abalos e commoções sem conta. Encaremel-os com a gravidade do pensador e do homem publico e não com a soffreguidão do poeta ou do partidario, que se deixão levar por uma entusiastica sentimentalidade, desnecessaria ou fatal no estado grave em que nos achamos.

Compete-nos dar uma boa direcção ao movimento que felizmente domina a opinião. Esqueçamos os nossos pequeninos interesses de partido, para curarmos seriamente dos altos interesses do estado.

Olvidemos as nossas pessoas para lembrarmos-nos somente da patria, que nos impõe o dever, o sacrificio mesmo, de poupar-lhe as dores da vergonha por que passa ou as dores da desgraça que ha de delacerar-lhe as entranhas, desde que, cegos pelas paixões partida-

rias, atirarmos-nos uns contra os outros em lamentaveis lutas faticidas.

Nós queremos e instantemente pedimos paz e que todos encarem a questão que nos assoberba com o maior desprendimento e isenção de espirito, discutindo-a com a moderação que temos discutido, sem azedume nem rancor. Os acontecimentos subjugão-nos vigorosamente. Não nos é dado eximir-nos da sua pressão poderosa e fatal. O nosso unico dever é mostrarmos-nos dignos uns dos outros, empenhando-nos de corpo e alma na solução pacifica da crise que nos assedia por todos os lados. Para recuarmos é tarde ja; devemos marchar cheios de confiança no futuro e mais do que tudo, confiados na grandesa desta nossa patria querida, que nos merece todos os sacrificios.

A obra que continuamos é do paiz inteiro; pertence a todos os que de boa vontade quizerem concorrer, na medida de suas forças, para a nossa regeneração social, sem a qual não temos o direito de aspirar sequer os foros de povos civilizados. A libertação dos escravos será o primeiro passo para novas conquistas. Enquanto houver um escravo no solo brasileiro não podemos chamarmos-nos livres.

Libertemos-nos, pois.

A EMANCIPAÇÃO GERAL APROXIMA-SE.

Já é tempo de nos erguermos de um modo energico e decisivo contra a escravidão; hoje é a ideia predominante no Brazil, que caminha a passos largos para o horizonte da civilização, devendo desfazer n'esta marcha grandiosa tudo que lhe impedir o passo avantajado, além de collocar-se ao lado das nações que tem a gloria de pertencer ao gremio da civilização moderna e livre.

Nestas condições não pode, não deve de modo algum alimentar escravos, admitindo em seo seio um absurdo dos maiores e mais caprichosos que sujeita milhares de homens eguaes a todos nós, a crueldades e obrigações mal entendidas de um só, que não tendo consciencia nem humanidade os obriga aos mais barbaros e rigorosos serviços, a disciplina mais infame e cruel, que lhe sugere na imaginação perversa, extorquindo do pobre obediente e miseravel, digno por certo até de compaixão, o que o homem tem de mais santo e justo, aquillo que o caracteriza, que o faz ser verdadeiramente um homem—a liberdade. Esta faculdade que Deus, o grande, o sublime Mestre e creador de todas as cousas, dispensou, deu á todos os homens, que nós procuramos sempre trilhar um certo caminho que o dever nos impõe e a consciencia nos mostra afim de não sermos destituídos d'ella, que a vemos ergue-se como uma Deusa nas nações mais cultas, que, finalmente, nos

falla e nos é revelada pela propria consciencia.

Um paiz grande em ideias e instrução como é o nosso, e a luz de um seculo tão gigante como sabe ser o desenove, não quer, repugna a palavra escravidão.

Um homem não deve pertencer a outro homem, não pode ser sua propriedade, nem ha lei que a garanta como tal. Só pode ser considerado como propriedade aquillo que o homem destroe impunemente, e nunca um escravo, pois aquelle que o destruir está sujeito as mesmas penas que destruindo qualquer homem em geral.

Quem será capaz de sustentar com a boa razão e o direito que seja o escravo propriedade?

D'onde nasce o direito do homem sobre o homem?

— Não se sabe que meios forão empregados para conduzirem aos portos do Brazil um pobre africano, e dizer-se com toda crueldade: és meo, faze o que te mando, estás de hoje em diante sujeito ao meo chicote e aos meos caprichos.

Quanta extorção a um direito divino e humano, e quanta infamia lançada á face da ignorante victima do roubo e do escândalo!

E nestas condições, debaixo d'esses princípios, inda ha quem venha oppor-se a libertação dessas creaturas, que, extorcendo-se no leito da dôr e do máo trato, supplicam o seo direito perdido, sua liberdade roubada, a luz emfim da redempção?

Parece incrível que sentimentos taes se abriguem debaixo de um astro cheio de luzes como é o nosso sol, e pisem em um terreno tão brilhantemente emancipador!

Pensão os escravocratas que sem o braço escravo não podemos passar ao Brasil, que a lavoura soffrê de um modo aterrador, e que ficaremos sem quem nos sirva.

E' completo engano.

O escravo por mais que trabalhe nunca faz o que um braço livre executa, pois sabe, tem plena certeza que o resultado de seo trabalho nunca revertê em seo beneficio e sim no de seo senhor.

Nestas condições tanto lhe rende trabalhar muito ou pouco, ter bom ou máo resultado de seo serviço, e emfim só faz alguma coisa por que sabe que o chicote ou o tronco o punirá.

Para corroborar o que acabamos de diser apontamos um frizante exemplo em qualquer um paiz da Europa, onde não se possui um escravo e tudo vai em progresso e engrandecimento.

A America do Norte que progride do modo tão espantoso, principalmente na lavoura, onde tem se visto queimar milho e outros viveres nas fomalhas para deminuir a enorme quantidade que colhe, não tem escravos.

O Ceará e Amazonas que libertarão-se ha pouco tempo, em breve darão igual prova do que temos dito, engrandecendo-se em todos os sentidos.

A provincia do Piahy não precisa de braço escravo, é quasi que exclusivamente creadora e como

tal não tem necessidade d'esse elemento.

O escravo não serve nem para director ou vaqueiro dos gados do senhor, ou por que não lhe inspire confiança, ou por qualquer outra razão, o certo é que as fazendas são sempre entregues á pessoas livres.

Em alguns lugares onde existem feitorias, o producto da lavoura não chega as vezes nem para o sustento dos proprios escravos, sendo o senhor obrigado a comprá-lo fora.

Sendo assim, como verdadeiramente é, nós devemos nos exortar para ser a nossa provincia livre em quarto lugar, pois o Rio Grande do Sul será sem duvida a terceira.

Unâmo-nos todos, façamos um grande esforço a bem de uma causa tão justa, de uma inspiração tão sublime.

Sejamos livres por que então seremos grandes!

A escravidão é um luto perpetuo de nosso paiz, é a vergonha do brasileiro que quer ter-se na conta de um verdadeiro cidadão, emfim é a historia triste e lutuosa da fraquesa de nossos antepassados, com o cunho vergonhoso d'aquelles que se oppõem a queda de tão antipathico elemento.

Nascemos em um seculo de instrução e de luzes, conhecemos mais ou menos os direitos de todos os homens em geral, temos por tanto ideias abolicionistas de conformidade com os impulsos de nossos corações e o grito da consciencia, e queremos assim que a liberdade, essa luz pura e sublime penetre, esclareça os recantos mais escuros de nosso paiz.

O homem escravo é banido da sociedade, olhado como simples automató, destituído de todos os direitos conferidos por Deus sem reserva, e por que?

Não será elle capaz do aperfeiçoamento, e assim ter direito á adquirir com o estudo e desenvolvimento de suas ideias um lugar entre os maiores homens?

Quebrem-se estes preconceitos bestiaes, arrebatem-se ás algemas que prendem tantos milhares de victimas e sejamos iguaes.

Deos não fez um homem escravo de outro homem.

As sociedades modernas repelem semelhante absurdo.

Em todo o universo, excepto no Brazil, não se conhece escravo.

Devemos soffocar de uma só vez essa torrente de soffrimentos, que nos dá uma semelhança com a gente do Santo Officio, onde assassinarão milhares de familias para enriquecer meia dúzia de frades, que debaixo de um cynismo sem nome escravizavão os mais livres cidadãos, confiscando-lhes todos os bens e pondo suas familias á mendigarem da caridade publica o pão da subsistencia.

E' tempo ainda de todos se incorporarem para dar um impulso a essa aspiração geral, que estando em um declive bem sensível, encaminhar se-ha sempre para o seo

fim glorioso, embora fique na miséria mesmo aquelles que hoje re-
correm em aveludadas cadeira,
em detrimento da liberdade de tan-
tas victimas que estão debaixo de
seu chicote e mando.

Ou todos se auxiliarão mutuamente para a estinção do elemento servil, ou o estado das cousas permitem por outro lado um golpe decisivo.

O governo procura agora um caminho para chegar ao fim desejado, que não preenche verdadeiramente o que temos em vista como é myster e urgente, no entanto muitos ha que nem isso querem.

Defendemos uma causa justa e santa, e com esses requisitos não nos importamos de cabir, pois consideramos nossa queda gloriosa.

—=“?¿?¿?”=—

O TRABALHO LIVRE.

II

Já fizemos sentir a influencia do trabalho livre nos Estados—Unidos da America do Norte, e vimos o grão do progresso a que chegou esta nação depois do abandono do trabalhador escravo.

E' occasião de demonstrar mais algumas vantagens desta especie de trabalho, que, sem duvida alguma, é o unico progressivo, e o unico que poderá com brevidade trazer uma rapida prosperidade para este nosso paiz, tão rico de productos naturaes, e no entanto, tão pobre de iniciativas, de trabalho, de industria.

O obreiro livre é mais intelligente, é mais industrioso, é mais diligente, é mais trabalhador do que o escravo, que é indolente e rúde por natureza.

O homem independente tem que prezar os seus interesses, a sua familia a sua honra, por conseguinte faz do trabalho a sua fonte de riqueza e esforça-se muito o muito para a satisfação de suas necessidades presentes e garantia de seu futuro e o da sua familia.

O homem servil, que não tem prazer no cumprimento de seus deveres porque não vive para si e nem para sua familia, que não tem dignidade, para sua posição imensamente degradante, varre de si todo esse sentimento, que não tem interesse proprio, por que é um mero instrumento, uma machina impellida pela vontade do senhor, o homem servil, repetimos quasi nada poderá fazer em prol do desenvolvimento do paiz.

Não precisamos, pois, nada mais acrescentar acerca das vantagens do trabalho livre.

Está elle na proporção de um para dez ou cem.

Um exemplo: n'uma fazenda com escravos em um anno colhem um certo numero de atrosas de algodão, que a primeira vista parece crescido, mas que na realidade nada vale em proporção as enormes despesas a que acarretam. O proprietario, que tem com escravos a seu serviço, tem com homens para sustentar, para vestir e para

curar em suas enfermidades. Ainda mais tem cem inimigos, que estarão promptos para o roubar, para o assassinar, enfim para tudo que occorrer a sua imaginação re-freada e curta pela nullidade de suas aspirações, de rudes e miseraveis creaturas.

Pois bem, si cem destes infelizes em um certo tempo colhem uma certa quantidade de productos agricolas, o mesmo numero de trabalhadores livres na mesma porção de tempo produzirá o dobro, apresentando um resultado todo positivo, ao contrario dos outros que o apresentam negativamente.

No primeiro caso notão se as desvantagens apresentadas alem de muitas outras, que convem calar: no segundo o proprietario não terá encargo algum sobre seus hombros e contará sempre com este grande numero de individuos, que zelam por sua prosperidade e são uma porção de defensores de que disporá desassombadamente.

Não é raro ler-se nos jornaes as atterradoras noticias de escravos assassinando os seus senhores. Estes factos reproduzem se quasi sempre, trazendo um desagrado e indignação geral.

E como dar cobro a esses tristes acontecimentos, como diminuir ou acabar esta estatística mortuaria, que tanto nos horrorisa e nos condoe? Perguntar-nos-hão esses que por ahi andam a sustentar a velha e anachronica instituição esclavagista.

Responder-lhes-hemos em poucas palavras!

Tirae do seio de vossas familias esse demónio familiar, das vossas senzallas esses conspiradores servis, quebrae o azorrague e abraçae o trabalhador livre que é intelligente e forte que resolveis a grande questão.

Proseguiremos.

—=(::::)=—

UM PROJECTO ABOLICIONISTA.

O deputado provincial Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá, moço de real merecimento, de vistas largas e generosas e de coração aberto a todas idéas humanitarias, apresentou na ultima sessão da nossa assembléa provincial um interessante projecto sobre o elemento servil, que, entretanto, não mereceu as honras de uma palavra da nossa imprensa periódica.

A guiza de outras assembléas provinciales, elle queria que a nossa também se esforçasse para a realisação da maior aspiração nacional procurando acelerar a propagação emancipadora. As medidas apresentadas no projecto, que publicamos abaixo, são as mais proprias para augmentar o fundo de emancipação, afim de que, por meio delle, sejam os *soi disant* proprietarios indemnizados razoavelmente no valor do escravo. Desde que muita gente entende que devemos acabar com a escravidão, porem pagando o senhor do escravo, nada mais logico, do que crear um im-

posto modico para occorrer as despesas dessa indemnisação tão suspirada e querida.

E' natural, entretanto, que o dinheiro q' tem de reverter em beneficio directo e immediato de certos contribuintes saia destes indirectamente o melhor, insensivelmente, por pequenas parcelas insignificantes. Demais, cada municipio concorre directamente, unicamente para emancipação dos seus escravos, voltando, assim, o tributo para as mãos do proprio tributado.

Uma semelhante medida, no meio do enorme descalabro em que vão as nossas finanças, não daria minimo prejuizo aos cofres provinciales, nem oneraria á outra classe alem dos proprietarios de escravos. O creador, o agricultor que não possuíssem escravos estarião isentos do novo imposto, creado adrede para um fim todo especial.

Ora, bem meditado o projecto, mesmo modificado em seus detalhes, não é uma punjante medida, de grande alcance conciliador no momento actual? Inquestionavelmente é.

A nessa futura assembléa deve discutir seriamente as bases do projecto e transformal-o em lei, que será um passo immenso que damos na consecução dos nossos mais santos e vehementes intuitos.

Desde que deparamos um modo commodo para conciliar interesses tão diversos e antinomicos, parece nos de uma boa politica ordeira combinar esses elementos dispersos mediante um meio termo razoavel, e outro não se nos afigura melhor do que o projecto de que fallamos.

Eil-o em sua integra:

«A assembléa legislativa provincial do Piauhy, resolve:

Art. 1.º Fica creado um fundo de emancipação provincial de escravos, do producto dos seguintes impostos, pagos pelos respectivos senhores:

Dois mil reis annuaes por escravos a serviço do senhor dentro das villas e cidades e mil reis fóra dellas;

Cinco mil reis por escravo cujo serviço seja dado por aluguel nas cidades e villas e tres mil reis fóra dellas;

Cincoenta mil reis por venda ou doação de escravo;

Cem mil reis por averbação de escravo em outro municipio;

Vinte e cinco mil reis por escravo recolhido á cadeia por ordem do seu senhor.

Art. 2.º As multas do artigo antecedente serão cobradas executivamente dentro de 48 horas.

Art. 3.º Para a cobrança destes impostos se procederá em todas as repartições fiscaes da provincia até o dia 31 de dezembro deste anno, uma matricula especial dos escravos existentes, ficando os senhores ou seus procuradores obrigados a apresentar as declarações necessarias dentro do prazo, e serão multados em 200\$000 reis por cada

escravo, os senhores que não exhibirem essas declarações.

Art. 4.º O valor apurado será applicado ao municipio que o arrecadar e ficará a cargo do respectivo collector para ser addicionado a quota do fundo de emancipação do mesmo municipio e não poderão as multas ser cobradas por mouvo algum, ficando, porem, o agente fiscal responsavel por aquellas que fizer o senhor pagar indevidamente.

Art. 5.º Revogão-se as disposições em contrario.

Sala das sessões em 16 de julho de 1884.

VARIEDADE.

HISTORIAS TRISTES.

(A Raimundo Tote.)

I

Idalia era uma rapariguinha formosa e delicada, como pode ser a menina do mais deslumbrante e aristocratico salão.

Tinha na sua voz o doce timbre argentino, mas, em seu languido e meigo olhar, havia um quer que seja de sinistro, denunciando ao mesmo tempo um desgosto intimo, que lhe ia mudando pouco a pouco a amargurada existencia.

Um outro qualquer, que não fosse um observador, d'esses que penetram até o intimo do coração humano, não poderia explicar a causa pela qual já tanto soffria, em tão tenra idade, a mimosa violeta do prado; mas o homem verdadeiramente prescrutador advinharia que, aquella joven sublime era, uma victima da perversidade dos homens, pertencia á uma raça desherdada e amaldiçoada do seculo, e que sobre os seus debeis e elegantes hombros pesava, com todas as consequências fataes, esse direito de propriedade tão apregoado pelos inimigos acerrimos do progresso, da luz e da civilisação.

Idalia era escrava!

Nascida debaixo do nevoento céu de Minas, d'esse centro da escravatura brasileira; d'esse theatro dos dramas mais horrorosos e degradantes; dessa vergonha do nosso paiz, ella teve por berço uma nojenta esteira, e por tecto—uma senzala.

O seu senhor era um Barão fofo e grosseiro, um ente assaz ignorante, que considerava o escravo uma verdadeira *besta de carga*; e não admittia que, tivesse a liberdade de pensar, porque, dizia elle.—o escravo só veio ao mundo para o *trabalho incessante, e levar bacai-au*.

Quando despontava a aurora, quando os cantores das selvas principiayão a entoar as suas melódicas canções, o Barão desalmado e cruel, erguia-se do luxoso e perfumado leito, e, com aquella estupidez e ferocidade, que lhe era peculiar, acordava os pobres escravos, debaixo do azorrague, e os mandava para a roça.

Desnecessario é dizer, que n'es-

se numero comprehendia-se a infeliz Idalia!

E assim, aquella martyr da oppressão e do despotismo, que podia abrihantiar, com sua peregrina belleza, os salões das familias brazileiras, era o ludibrio e o discango do latógo, n'uma feitoria composta d'uma alimaria racional.

A noite havia já substituído o dia.

Por detraz da feitoria corria lido correjo, e á margem d'elle se achava deitado um anjo da terra.

Fragil e sem forças mais para resistir a tão tremendo supplicio, Idalia descançava para sempre d'uma vida infernal, e, com a consciencia para como um riso d'alvorada, vòu ao throno do altissimo para implorar justiça, já, que na terra os homens lh'a negavão subjugados pelo peso do scintillante metal d'um barbaro senhor.

20 de outubro de 1884.

Nascimento Filho.

SECÇÃO PARTICULAR.

BARRAS.

Foi hontem esta villa testemunha de um espectáculo horroroso, se não triste e doloroso, para o qual concorreo o primeiro supplente do juiz municipal em pleno exercicio José Raimundo Gomes.

Tratava-se do arbitramento de quatro escravos velhos e simi-caducos do coronel José Antonio Rodrigues perante o mesmo juiz, contra quem o curador a lide dos referidos escravos apresentou legitima suspeição, que não foi aceita, proseguindo no feito, e despachando em segredo de justiça peções tendentes ao levantamento do depósito; e sem que fosse intimado o depositario desse seu despacho, sera ainda serem intimados os escravos na pessoa de seu curador, para conferirem em juizo, em prazo razoavel, o excesso do valor, que lhe fora dado, authorizen particularmente aos procuradores do senhor dos mesmos escravos a a lançarem mão destes, de uma maneira brusca e selvagem, quando estes da sala das audiencias procuravam regressar a casa onde se achavam depositados.

As carceres que davam as victimas maldias pelo terror do azorague, lamentos, gritos de desespero que soltavam esses infelizes por essa occasião, faziam enternecer qualquer coração, menos o do cruel e deshumano juiz e de seus algozes; aquelle passivamente tudo ouvia, parecendo delectar lhe esse espectáculo de dor e de angustias que havia proporcionado ao publico de villa; os outros quaes indomáveis pantheras, arremessavão-se, contra as infelizes victimas que, inertes, soffriam toda sorte de supplicios, sendo ao sair da villa manjetados com grossas cordas e conduzidos a feitoria—*Por emquan-*

to—soffrer os rigores que uma sorte mesquinha e uma lei barbara lhes destinaram.

O tempora, ó mores.

Nada porem surprebendeo tanto o publico desta villa, como o ser nomeado arbitro por parte do senhor dos escravos o Sr. Alexandre Carvalho d'Almeida, socio da Libertadora Barrense, que sem cogitar do depreciamento em que se achão os escravos em nossa provincia; sem attender a idade decrepita de cada um delles, sem mesmo investigar qualquér soffrimento physico que podessem ter; tendo só em vista o accordo que havia firmado com os esclavagistas antes da audiência, avaliou a pobres septuagenarios na enorme quantia de 200\$ dando a uma escrava, por ser mais moça e gotosa, o valor de 450\$000 quando em inventario paocedido, a trez annos, soffreo o valor de 300\$.

Teria esse arbitro dado o seu laudo com sã consciencia?

11 de Outubro 1884.

Em abolicionista.

EXTRACTO.

CAMARA DOS DEPUTADOS

PROJECTO N. 48

SESSÃO DE 4 DE AGOSTO DE 1884

PARECER N. 48 A

FORMULADO

em nome das commissões reunidas de organamento e justiça civil acerca do projecto de emancipação dos escravos.

PELO

SR. REY BARBOSA

(Continuação do n.º 2.º)

A lizão da experiencia não mentiu. A produção agricola do paiz, que no exercicio financeiro de 1849 a 1850, época da terminação d'limitado trafico era de 33.000.000\$ no anno subseqüente excedeu de 67.000.000\$. crescentio progressivamente sempre, de modo que dez annos depois daquelle data subia a 112.000.000\$. (1) Entretanto; ainda em 1849 a pirataria negreira importara 60.000 africanos. (2) O acto suppressivo de 1850 fôra, pois, de um caracter profundamente radical.

Que seria deste paiz, ainda agora, si naquella quazra, tivessem preponderado as theorias regalvatisadas hoje pelo escravidão, quando pretende entregar á opião agricola o arbitrio desta questão, conderana *in bonis* todas as reformas que, na phrase do estylo, não *partam de baixo para cima*, e de cada medida abolicionista augura a agonía da lavoura e o sãssobro da finanças nacionaes?

Mais admiravelmente instrutiva, porém, é ainda a historia da opposição ao projecto Rio Branco, thesouro inexhaustivel de preciosas lições, que nos não é licito desaproveitar. Desde os primeiros debates; no parlamento, o sr. Andrade Figueira impoz a essa idéa a taxa de «pre-

fundamente official.» (1) Vede como a dissidencia conservadora a accusava de anti-páthica ao paiz:

«SR. CAPANEMA.—Senhores, o paiz não quer, não póde querer a reforma do elemento servil pelo modo por que o governo a quer. (Apoiado)»

O SR. GAMA CERQUEIRA.—Porque não póde querer a propria ruina.

«O SR. CAPANEMA.—Nunca se manifestou neste sentido; ao contrario, manifestou-se sempre no sentido opposto.»

Quanto aos lavradores, assegurava esse orgão da opposição, «*não havia um só, que aceitasse a idéa da emancipação pelo ventre.*» A lavoura e o commercio, affirmava a dissidencia, «pronunciavam-se do modo mais positivo, representando aos poderes do Estado contra a *violencia e o estulto*, de que eram ameaçados.» Essas declarações foram homologadas pelo sr. Paulino de Souza, que, em nome da lavoura; protestou contra a idéa da libertação dos nascituros.

O gabinete foi accusado, até, vehementemente por uma notabilidade opposicionista, de exercer sobre o espirito da classe agricola violenta coacção, para lhe abater o animo, e forçal-a a transacções detestabelas. «O governo», dizia, entre numerosos *apoiados*, José de Alencar, «procura incutir o terror nos proprietarios e lavradores, com a esperanza de obter delles, pelo receio de maiores calamidades! o sacrificio de direitos importantes, de interesses respeitaveis, creados á sombra da lei.»

Outro deputado, variando em um thema aventado pelo sr. barão da Villa da Barra, que faxafa o projecto de «quebrar a força moral aos senhores», exclamava:

«Abundante não aceita a idéa; o patria muito menos; porque essa idéa vai crear nos nossos estabelecimentos agricolas, a desordem; vai quebrar inteiramente os laços de subordinacão; vai dividir em duas classes a população servil dos estabelecimentos agricolas, creando a impossibilidade de marcharem debaixo do systema de obediencia passiva, que é o unico possível, enquanto existirem escravos em nosso paiz.»

Quando o visconde do Rio Branco inqueria, pasmo, si ainda, em dias desta época, era possível sustentar que, até para aceitar do accões e legatos, o miseravel escravo precisasse do consentimento dominical, o sr. Alírcida Pereira respondia: «Sim, senhor, para garantir a força moral»; e o sr. Andrade Figueira acudia p'estes:

«Si não, *decretar a abolição imediata.*»

O principio desses dois membros da camara temporaria perguntava-se, «*se o partido conservador é que assumiria a responsabilidade immensa de uma reforma, que precipitava, havia de levar o paiz infalivelmente a sua ruina.*»

Vaticinava-se, com a segurança de uma certeza absoluta, o projecto Rio Branco teria como resultado «a anarchia social e a miseria publica, com todas as suas desastrosas e incalculaveis consequencias.»

Agravavam as sombras deste prospecto «os terigos e horrores de uma *insurreccão geral*», entrevista pelo sr. Ferdigão Malheiros,

que insistia no presegio pavoroso com a convicção de um illuminado:

«Receio que as consequencia desta proposta sejam peiores do que os factos que leterminaram a promulgacão d' lei de 10 de Junho de 1850; sinceramente faço os votos mais fervorosos a Deus, para que esteja em erro; mas esta proposta, si for lei, prevejo que ha de dar em resultado a *insurreccão dos escravos*, a principio local ou parcial, para dentro em pouco tornar-se geral, lastrando como incendio em campo secco, como rastilho de pólvora lançado ao pé da mina, que, apenas ateado, fara explosão!»

O carregado vulto desse phantasma turvara a tal ponto o animo á dissidencia reactiva de 1871, que, esposando os *somnia aegri* de um ahiás illustre conselheiro de estado em 1867, assegurava outro representante da nação nesta casa:

«*É minha convicção profunda que, qual quer que seja o systema que se adopte, de emancipação gradual e successiva, as insurreicões hão de surgir a cada canto do Imperio. A primeira consequencia deste estado de coisas será a necessidade de montar um numeroso exercito, só para conter os escravos. Considere-se nas difficuldades de formar esse exercito, e isto depois de uma guerra que ha tornado necessario um rigoroso recrutamento, além do alistamento voluntario.*»

NOTICIARIO

Pedimos a illustrada attenção de S. Ex.º o Sr. presidente da provincia para o facto occorrido na villa das Barras, de que se occupa a correspondencia d'aquella procedencia que publicamos no presente numero.

Trata-se de um grave attentado que não pode passar desaperecebido ás vistas do governo.

Regressou a esta cidade de sua viagem as provincias do Maranhão e Ceará, o nosso distincto amigo Gttoni O'donnell d'Alencar, commerciante desta praça.

Nós o comprimentamos affectuosamente.

INCENDIO.

Hoje a 1 1/2 hora da tarde manito-tou-se um incendio em duas casas de palha, sitas á ruas de S. Benedicto.

Ao signal de incendio dado pela igreja de S. Benedicto, compareceram varias autoridades, força de linha e de policia e muito povo.

As casas ficaram reduzidas á cinzas, perdendo os seus pobres moradores quasi todos os seus trastes.

Annuncio.

BOM NEGOCIO.

Nesta typographia se diz quem vende um peqüeno porém bem preparado estabelecimento commercial, situado em uma das melhores ruas desta cidade.

O negocio será feito a dinheiro, ou mesmo a prazo, se assim for mais conveniente ao comprador.

Typ. do Telephone.